

Gritos sem voz¹

AC Amorim

acamorim@unicamp.br

Faculdade de Educação. Caixa Postal nº 6120
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
13083-865, Campinas, SP, Brasil

Resumo: Praticar (imaginar, fabular, inventar e criar) uma linguagem a-significante tem sido as possibilidades de o *currículo* acontecer por entre as pesquisas desenvolvidas no Grupo de Estudos *Humor Aquoso*, integrante do Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO) da FE/Unicamp². Compor dois ensaios é a prática de *olhares diagramáticos* com as experiências, desfigurações e constituição de singularidades em que o Ser não é necessariamente Sujeito. As imagens são intensidades e forças em escrita que mantém a estrutura da língua, mas que quer nela tropeçar, gaguejar e irromper. Imagens e palavras escritas viram-se numa pragmática de esvaziamento do *currículo*, quem sabe para um habitar os foras possíveis deste nome. A pragmática = práticas de linguagens com sentidos sem significações prévias é uma tentativa de fuga, e sua frustração e sensação do grito e por vezes da dor, de reconhecer que “não há mais vida livre, há apenas um dentro, ou seja, poder e prisão” (Negri, Toni. *Exílio*, 2002). Resistir na ausência dos homens e do mundo e afirmar os possíveis da *vida* são os golpes de carne que Gilles Deleuze faz, junto com vários de seus leitores-traidores brasileiros e estrangeiros. Este texto são sensações da ferida.

Palavras-chaves: imagem, pragmática, composição.

Financiamento: CNPq, FAPESP.

¹ Este texto associa-se ao projeto de pesquisa *Escritascurrículo*: diferenças em acontecimentos (CNPq 401356/2006-0) e também à bolsa de Produtividade de Pesquisa no CNPq (309228/2006-9). As discussões sobre imagem são linhas de conexão com o estágio de pesquisa no exterior (FAPESP 2007/03041-9) realizado em Barcelona, na UAB, nos seminários e exposições sobre cinema e exposição de imagens a que frequentei entre janeiro e fevereiro de 2008.

² Coordenação: Prof. Dr. Milton José de Almeida.

Jéssica e o bambolê

Não muito ao longe, nem tão perto da experiência perdida de observar o pátio da escola. Ops! Gira o bambolê a menina de trança.

O bambolê escapa de sua cintura fina de criança, e encontra o chão com tanta facilidade. 1, 2, 3, 4 e tantas vezes mais gira, gira e cai. São um corpo, a criança e o bambolê, que cai e gira. E some. E volta com uma bola. E brinca com a bola. Já estou bem próximo e a menina me viu.

Quando me vê, nada existe, pois tudo some: menina, bola, bambolê e chão. O encontro, agora, tem sua corporeidade indelicada, sufocante e lenta, retardada na intensidade do que a percepção, ao longe, deixou livre no giro do bambolê e na batida da bola no chão. Surge o nome, fração insustentável da identidade. Jéssica, 11 anos, 5ª série C. Está de castigo. Sempre está de castigo, diz uma pessoa que passa pelo corredor. Jéssica sobe no muro em frente à quadra, e me diz que é muito curiosa. Gosta de luta, todo tipo de luta.

E Jéssica mora com a avó. Jéssica é toda história, já mudou de escola três vezes em 5 anos; gostava da primeira escola em que estudou. Jéssica é *quase* um clichê de uma criança que está na escola de castigo.

Como uma imagem-signo-expressão do conhecido aparece, por várias vezes, como um símbolo do Mc Donalds, pronto para ser lançado no comum totalitário do reconhecível. Jéssica-clichê-imagem visível desaparece, em sua narrativa identitária, como o bambolê gira, gira e cai no chão. Sem sombras...

-Eu perdi os 50 centavos na sala de aula, e agora só tenho 1 real. Não dá para comprar o salgado, disse Jéssica.

Passa o tempo

- Você quer um pouco de guaraná? pergunta Jéssica

A lata estava em cima da mesa, ao redor da qual algumas outras crianças d 5ªsérie esperavam a diretora para conversar.

Pára o tempo

Faz tantos anos que não venho aqui...

Estou perdido

O encontro, assim como o acontecimento que nasce como uma esperança de existir, é tão efêmero e fugaz que a escrita pode ser o seu retardamento e a potencialização da sua intensidade. O acontecimento é tão perceptível quanto o giro do bambolê, e tão banal como sua queda ao chão. Já os desaparecimentos de Jéssica, do bambolê, da bola e das suas histórias irrompem as forças para um pensamento nos rastros e nos traços da presença. A imagem do vazio, da ausência, é nela que o *quase* acontecimento se instaura.

E, assim, restam fragmentos de um olhar que se aproxima e, quando captura, tudo escapa, nada sobra, e o olho tudo quer sentir. Na superfície, passeia-se. Nos sem-sentidos de superfície, Jéssica prolifera acontecimentos que ainda estão lá, no pátio, incorpóreos, à busca de um susto ou de uma lentidão do tempo para encontrarem fluxos de forças e matéria.

Jéssica não está na sala de aula. Ela está de castigo.

Gira, gira o bambolê.

Imagens --- forças ---- melancolia ---- fuga

O mundo foi perdido, e não é representável! Pode-se afirmar o *sujeito* nesta condição como um *ser* que se efetua em sua ressurreição com o *real*, como um corpo glorioso e reconciliador entre mundo e realidade. O *olhar* como prática e afirmação fenomenológica de interpretação do real necessitaria ser esquecido; um outro processo educativo se capilariza, cuja transformação pretende propiciar a *sobrevivência* do mundo sem a representação.

O esforço empreendido em compor o currículo em plano de sensação (associando signo e percepção) e a escrita como composição artística (associando tempo, acontecimento e produzindo um plano de *pensamento com imagem* para a Educação, à diferença que Deleuze propôs para a Filosofia) é potência que propõe deslocamentos e desvios de importantes pensamentos para o campo; por exemplo, aposto numa Educação que se esvazie da substância humanista que a satura e na busca de alternativas à sobrevivência em um estado pós-humano: sonâmbulo, inconsciente, sem ação, inabitado.

O cinema é a fábula do mundo, uma vez que a realidade se esvaiu. Na tela, o grande compromisso do cinema seria juntar a perda e a conquista da realidade. Em uma primeira fase – nos primeiros 90 anos – o cinema reuniu duas sensações: a perda de contato com a realidade e o desejo de ter uma relação direta com as coisas. Geraram-se *imagens sensíveis* sem consistência com a realidade e que restituíram o mundo. Com suas potências intensificadas nestas últimas décadas, o cinema conseguiu nos indicar que a *imagem pode ser um prolongamento da realidade e, mais ainda recentemente, que a imagem vem antes do real*; modela-se a realidade, após a imagem; desfruta-se da imagem para termos a realidade. Com essas potencialidades das imagens nos educamos em fluxos de experiências que, por exemplo, controlam nosso medo da perda, e nos fazem sentir que não é possível encontrar a realidade, apenas realizar pequenas aproximações com ela.

Atualmente, talvez no que se possa chamar de ênfases da pós-modernidade, encontramos imagens cujo jogo de forças

Nosso trabalho é composto por alguns vídeos encontrados no site do Youtube que foram posteriormente editados e intercalados com a letra da música “Galera do Fundão” do grupo brasileiro “Little Quail and The Mad Birds”.

A primeira imagem de um dos vídeos são dois garotos numa queda de braço enquanto um serve de juiz e filma. É difícil acreditar que houvesse um professor na sala de aula naquela momento, no entanto ao fundo podemos perceber um aluno sentado em uma carteira, ele passa uma folha que está sobre sua mesa a uma colega e abre um livro ou um caderno. Há também uma garota sentada como se observasse a queda de braço ou conversasse com a colega a sua frente. As carteiras estão um pouco desarrumadas me dando a impressão de que algum trabalho em grupo ou duplas foi passado à sala enquanto o professor se ausentava.

(Youtube – *imagem do cotidiano escolar na Internet* de Sabrina Ramalho Sanches, na disciplina *Escola e Cultura*, dezembro de 2007)

Na edição do vídeo, os fatos foram contados duas vezes e, assim, podemos perceber que, ao recontarmos as histórias nossas mudamos muitas vezes o foco de nossas lembranças. Algumas são mais ou menos lembradas que as outras dependendo da ênfase desejada, como no ato de fotografar. (Relatório de Marília Toribio de Araújo, na disciplina *Escola e Cultura*, dezembro de 2007)

Outra questão que o vídeo dá enforque é nas imagens performáticas, onde através de detalhes capturados pela câmera denuncia-se aquilo que a Janaína é e não é ao mesmo tempo, o de uma figura que foge ao padrão definido e socialmente correto de homem e mulher, ela é uma travesti. Então, o vídeo foca bastante as mãos, os seios e o rosto, partes que ora revelam, ora escondem o que o indivíduo realmente é.

(*Essa língua dos mestres nega a realidade (de Certeau)* de Vicente Leonardo dos Santos Costa, na disciplina *Escola e Cultura*, dezembro de 2007.

perturba-se entre a melancolia e a narrativa cíclica. *O real simplesmente sobrevive*, ele é vigiado apenas, não há reelaboração da realidade – esta continua em sua condição bruta – pois não se trata de reconstituir o mundo, mas de o vigiar.

As vídeo-câmeras, as vídeo-conferências, câmeras de vigilância, de aparelhos celulares etc. compõem narrativas fílmicas em que a previsão do fim é pulsante: *antes que o mundo se acabe, as imagens são feitas para preservá-lo*. São imagens que miram o futuro não para imaginar, e, sim, para prever. Como um serviço de meteorologia cria-se uma verdade factual que pode ser antecipada. Tais imagens dão corpo ao desastre, demonizando-o e, ao mesmo tempo, servem como uma oficina de vacinação, de imunização contra o desaparecimento do mundo e contra a morte do *real*.

Mas *por que controlar, prever, se depois o mundo não se deixará reter?* Perder de vista o *real* é imprescindível em uma condição de dissolução do mundo, melancólica e para a qual a realidade é incompreensível. Há perda de contato, perda de significado cujos efeitos são sentidos pela montagem e por uma narratividade sem limites, com imagens justapostas, que multiplicam as ações e as dispersam. Os encontros possíveis estão no intervalo *entre* imagens, no *vazio* e no *silêncio*. O cinema experimental, e as imagens-forças que cria, é um exemplo do possível encontro frustrado: *sinto, mas não vejo*. A imagem não voltará, os olhos do espectador permanecem fechados.

Todavia, as imagens do cinema persistem em gerar a sensação e o desejo de seguir jogando, mesmo com o nonsense, a abstração em seu máximo. Há imagens que lutam politicamente pelo desenvolvimento e a preservação

Entrevistamos Janaína Lima, uma travesti líder do movimento de Campinas que possui uma história ao mesmo tempo comum e muito singular. Janaína sofreu, dentro da escola, pelo preconceito com sua sexualidade e acabou abandonando o colégio em que estudava depois de levar uma “chuva de pedras” dada pelos próprios alunos da escola. Dez anos depois, ela voltou a estudar, terminando o ensino médio e ingressando em uma faculdade com a ajuda do programa ProUni. Hoje Janaína cursa Pedagogia. A nossa idéia era mostrar o caminho percorrido por Janaína desde a sua saída da escola até a volta para os estudos abordando também a questão da memória. Para isso fizemos duas entrevistas em dias e locais diferentes, fazendo as mesmas perguntas e ela, assim, foi recontando as histórias.

do sujeito, do humano, num mundo 'pós-humano' ou 'in-humano'.

Esta manutenção do mundo no momento em que ele está escapando trabalha com uma dimensão do *olhar* como prática de entrever, e, neste ponto, é esperançoso. Tenta capturar um pouco, como um caçador fugidio. Tanta as telas divididas em várias partes, trabalhando a idéia de simultaneidade, quanto o fato de que com os DVDs

O foco do nosso trabalho foi o imaginário da escola que existe fora da escola e que é transmitido pelos outdoors. Colocando de forma simples, para apresentar estes outdoors imaginamos o cruzamento de duas imagens que reforçariam a mesma idéia; assim, ficou decidido que faríamos um trajeto que parecesse o percurso de uma mãe que estaria levando seu filho à escola, o trajeto seria descrito pela vista dos passageiros e quais as propagandas em outdoors eles veriam; essa foi a primeira imagem. Enquanto percorriam o caminho, os personagens teriam uma conversa que reforçava a idéia de escola que os outdoors anunciavam, qual seja, a idéia da escola como redentora da humanidade (*Atividade Orientada do Mês de Novembro* de Rafael Marquette, na disciplina Escola e Cultura, dezembro de 2007).

a história já acabou, mas podemos voltar a ela quando quisermos – são indicativos de forças das imagens na reconciliação com a realidade.

Uma caixa com desejos para o futuro, enterrada para ser aberta após 50 anos. Embaixo de uma mesa, perto da quadra, é olhada pela janela da sala de aula e da casa em que Carlos Alberto morava enquanto estudava naquela escola-mundo-realidade. Este objeto, tão fabuloso, pois é memória, enterrada e deslocada espacialmente no tempo, move a composição de imagens em um simples PowerPoint que tem num repetido som (mixagem de um apito de jogo de futebol, com gritos e conversas de estudantes) sua intensidade de não ser história. A repetição do som são ruídos e descontinuidades. Insuportável. Memória-acontecimento, a caixa espreitou-se durante um tempo de quase 20 anos para encontrar Carlos Alberto nas janelas de sua experiência aluno-professor-corpo vibrátil-olho diagramático, que pinta as fotografias antigas com as tonalidades do desaparecimento. Se as imagens organizadas por Carlos Eduardo alçam o desejo de reconciliação com a morte e ressurreição da memória, os sons, estridentes e repetidos, diferem. As diferenças do Ser ocorrem no Acontecimento, na incorporeidade do olhar pela janela, que abre o sujeito à fabulação.

Figura 1 – Extratos e re-montagens do vídeo *Memórias da minha escola* de Carlos Alberto Sugo, na disciplina Escola e Cultura, junho de 2006.



Inspirações

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

Outras idéias...

AMORIM, A. C. R. Invisível e não enunciável: cinema brasileiro e amnésia de identidades. *Educação e Sociedade*, v. 27, p. 1367-1372, 2006.

AMORIM, A. C. R. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. *Teias*. Rio de Janeiro, ano 8, no. 15-16, jan/dez 2007.

AMORIM, A.C.R. Educação e Ambiente, entremeios para imagens do humano. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*. v.3, n.1, janeiro/junho de 2008 (no prelo).

AMORIM, A.C.R. CurriculumDisfiguration. In: PINAR, William (coord). *Report of Research Intellectual Advancement Through the Internationalization of Curriculum Studies*. Canada: Social Sciences and Humanities Research Council, 2008. 24p.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de. *A superfície ex-cri(p)ta em professoras e professores: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecadores*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ANDRADE, Elenise C. P; WUNDER, Alik; DIAS, Susana O; AMORIM, A.C.R. Para um currículo quase acontecimento, as não-imagens, os sem sentidos. *Atas do IV Colóquio Luso-Brasileiro de Questões Curriculares*. Florianópolis/SC, 2008. 21p.

DIAS, Susana Oliveira. *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre impressas e ciências*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

WUNDER, Alik. *Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escolas*. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.